

Este livro é uma homenagem a Marlene Soares dos Santos por sua dedicação ao campo de estudos literários no Brasil, especificamente na área de estudos shakespearianos. Foi organizado por três de seus muitos ex-alunos, que desejam, com os demais autores do volume, comemorar sua trajetória acadêmica como pesquisadora e educadora exemplar, e celebrar sua discricção, modéstia e despretensão em um campo de atuação profissional cada vez mais marcado pelo oposto. Marlene está, e sempre esteve, mais preocupada com pesquisar, discutir, pensar, ensinar e entusiasmar alunos e outros pesquisadores a continuar a estudar e se encantar com o conhecimento do que com sua própria notoriedade: uma intelectual à moda antiga, em sua plenitude no século XXI.

Marlene é admirada e respeitada por sua integridade, seriedade profissional, paixão pelo saber e enorme capacidade de compartilhar seu conhecimento e de se doar ao outro. Certamente, é feita de matéria pouco comum em nossos tempos. Eis por que um livro que celebra sua vida profissional faz tanto sentido. A esperança é de que seu exemplo, materializado nesta homenagem, gere ainda mais seguidores dos modos de caminhar e dos caminhos que escolheu trilhar. Sendo enunciar um fazer, como Austin (1955) deixou claro, já que a linguagem, em vez de meramente descrever o mundo, o afeta e constrói, este livro quer agir na vida social, por meio das enunciações/performances que propõe e que celebram Marlene Soares dos Santos.

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), PhD em Literatura Inglesa pelo Shakespeare Institute da University of Birmingham, com Pós-Doutorado pelo Departamento de Teatro da Yale University, Mestrado na University of California, Los Angeles, e Especialização na University of Edinburgh, tendo sido uma das alunas diletas da professora Aíla de Oliveira Gomes na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, atual UFRJ, Marlene Soares dos Santos tem sido fonte de inspiração para muitos nas universidades brasileiras e fora dela. O recente trabalho com grupos de atores de teatro, notadamente os Atores de Laura, no Rio de Janeiro, confirma sua paixão

por seu campo de pesquisa e sua imensa disponibilidade em dividir seu saber com outros. Conhecedora do texto teatral e da teoria dramática como poucos, Marlene alinha a esse conhecimento uma singular percepção da performance no palco, construída por meio não só de pesquisas, como também de grande vivência da arte dramática, na condição de espectadora-crítica do drama shakespeariano, notadamente no Brasil, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Este livro, portanto, parte de um sentimento de *obrigação* de seus autores para com uma mestra, colega e amiga, a quem desejam agradecer a contribuição singular à universidade e à cultura brasileiras. Sua premissa de base, como a de qualquer *Festschrift*, é de que a apresentação de trabalhos de pesquisa na esteira das investigações iniciadas pela homenageada representa a maneira mais honrosa de expressar gratidão. Um livro nesses moldes pretende mostrar que no pensamento, tanto dos mais jovens quanto dos contemporâneos, a influência da homenageada se faz presente, ainda que de formas diversas e múltiplas.

Por isso, a performance, presente no centro das preocupações de Marlene, é a questão fundamental deste livro. Com efeito, trata-se de um conceito que está em voga. Embora sua genealogia remeta à antiga metáfora renascentista do mundo como palco, foi apenas a partir dos anos 1950 que a performance começou a ser vista como pedra de toque nas ciências humanas, como na sociologia interacionista de Erving Goffman (1959), segundo a qual a realidade se constrói por meio de papéis encenados por atores sociais, para além da consciência que têm disso. Mais recentemente, em *Questão de gênero* [*Gender trouble*], Judith Butler (1990) colocou o conceito na frente do palco, ao relacioná-lo à constituição de identidades, que deixam de ser concebidas como resultado de alguma idealidade ou mesmo da mera reduplicação de uma ideologia dominante. Assim, a construção identitária se mostra indissociavelmente ligada a aspectos performativos: um fazer que, no momento de seu vir-a-ser, estabelece um passado e dá origem a uma ilusão de normatividade que o apaga.

O potencial do conceito de performance e o aspecto performativo da instituição de identidade não são desconhecidos no Brasil; já há algum tempo, têm sido moeda corrente nos campos da lingüística aplicada, da antropologia, da psicanálise e, com menos assertividade, da sociologia. Nos estudos literários, todavia, parece não ter sido suficientemente explorado, pois, salvo alguns trabalhos ligados às literaturas de minorias, a performatividade de identidades da literatura – não apenas no âmbito de personagens, como também de leitores, de autores, de críticos e das próprias instituições de circulação da cultura – tem, em grande medida, passado despercebida.

É, pois, justamente desse contexto que *Performances* extrai sua razão de ser: de um lado, preenche uma lacuna na bibliografia existente, oferecendo contribuições relevantes para a relação entre performance, identidade e texto literário; de outro, inscreve-se em uma relação de débito intelectual para com Marlene Soares dos Santos. Estudiosa do teatro, espaço da performance por excelência, Marlene sempre teve senso aguçado para a percepção de identidades em cena no palco (como também na vida social), seus gêneros, sexualidades e classes sociais, locais e situações, problemas, ambigüidades, triunfos e fragilidades. Antes mesmo de o conceito estar na moda, ela já realizava uma crítica das identidades e do teatro como performance.

O campo de estudos de performance, área em franco desenvolvimento com que este livro dialoga, tem como interesse central a compreensão dos modos *como e por meio dos quais* nos representamos e repetimos tais encenações na vida cotidiana, uma vez que a atuação na vida cultural só se concretiza em performances (Striff 2003). Isso quer dizer que a teatralidade de nossas ações cotidianas é crucial para a compreensão da vida humana, e que a literatura como expressão visceral do humano é um espaço privilegiado para estudar ações em performance não só no que nele se encena e constrói, mas também nas performances de leitores, escritores e críticos.

Os ensaios aqui reunidos se debruçam sobre o discurso literário e compõem uma progressão lógica, do mais próximo ao mais distante, em três blocos de igual tamanho. A primeira parte, precedida por um soneto traduzido por Barbara Heliodora, é constituída de quatro textos dedicados a William Shakespeare. Roberto Ferreira da Rocha mostra como uma performance ao quadrado – a peça dentro da peça de *Sonho de uma noite de verão* – evidencia o caráter transgressor e contestador do teatro, bem como mina, de dentro, identidades dominadoras. Seu texto articula as relações entre a cultura popular e a cultura de elite, para mostrar como a apropriação de uma pela outra ocorria de forma complexa e contraditória no teatro de Shakespeare. Janet Clare focaliza as peças históricas e investiga como a construção das performances públicas da realeza se atinha às relações entre a interioridade do rei, sua identidade pessoal, e o que ele parecia ser para seus súditos. Suas análises centram-se principalmente em *Ricardo II* e *Ricardo III*. Aimara da Cunha Resende analisa a tragédia *O rei Lear* e mostra de que maneira as identidades marginais são construídas como meio de criticar, veladamente, a vida social na Renascença inglesa. Em sua contribuição, a linguagem dramática é discutida dos pontos de vista performático e performativo. Luiz Paulo da Moita Lopes e Branca Falabella Fabrício, por sua vez, estudam performances de gênero

e sexualidade em *Como gostais* [*As you like it*], com base em teorias de performatividade e *queer*. Seu texto traça paralelos entre a mobilidade, a ambigüidade e a fluidez identitária no mundo do 'se' dessa comédia, que é um artefato cultural do início da modernidade inglesa, e a vida contemporânea.

A segunda parte se volta para a questão da performance identitária em uma extensa gama de manifestações dramáticas. Munira H. Mutran e Sonia Torres seguem perspectivas diferentes. A primeira problematiza os limites da adaptação do teatro grego clássico para a contemporaneidade, ao focalizar a transposição de *Orestes*, de Eurípides, para uma peça apresentada em outubro de 2006 no Festival de Teatro de Dublin: *Orestes: blood and light*, de Helen Edmundson. Para tanto, focaliza as transformações na performance identitária do herói. Já a segunda, ao enfatizar a maleabilidade da performance dramática para fins políticos, estuda a obra do dramaturgo, ator e diretor canadense de origem argentina Guillermo Verdecchia, mostrando cruzamentos entre as fronteiras da arte, a teoria e a prática social. A política também é o centro das preocupações de Vilma Arêas, que chama a atenção para o poder de exposição da realidade social nas peças de Martins Pena, as quais encenam, por intermédio do cômico, performances que apresentam desafios para o mundo social de sua época. Fechando o bloco, José Roberto O'Shea teoriza algo do que está em jogo nos ensaios antecedentes: as condições de possibilidade de determinar a performance ao vivo no teatro como objeto de estudo. Para isso, antepõe as tradições de análise da performance e da historiografia cênica.

A terceira e última parte distende o conceito de performance para além da arte dramática. Carlos Daghljan discute o potencial da escrita intimista de Emily Dickinson para construir, por meio da ironia, uma performance identitária contestadora, como mulher e poeta. A seguir, Leila Assumpção Harris estuda performances identitárias diaspóricas de mulheres, em que ressalta suas existências hífenadas. Focaliza, em particular, a romancista dominicana Julia Álvarez, radicada nos Estados Unidos. Eloína Prati dos Santos investiga a formação de mundos ficcionais na obra do escritor aborígine canadense Thomas King, com base em uma tradição oral tribal e ênfase nas performances dos personagens em sua instabilidade identitária. Já Fabio Akcelrud Durão interpreta os escritos de John Cage, de forma a sublinhar o caráter performativo do próprio ato interpretativo. A crítica, nesse caso, seria responsável pela constituição de uma identidade, cujo signo maior é a indeterminação.

Ainda que coordenados, os objetos de estudo e enfoques teóricos são múltiplos; dialogantes e elucidadoras, as perspectivas não deixam de ser díspares. Longe de caracterizar um defeito, essa variedade talvez seja o mérito maior de *Performances*,

pois não apenas atesta a vitalidade do tema, como também testemunha a abrangência da homenagem a alguém que, seja como professora, colega ou amiga (muitas vezes, nos três posicionamentos simultaneamente), tanto contribuiu para aquilo que somos. Estas páginas são o nosso obrigado.

Luiz Paulo da Moita Lopes

Fabio Akcelrud Durão

Roberto Ferreira da Rocha